

Arqueologia *em* Calendário

Ano Internacional da Luz

A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou 2015 como o Ano Internacional da Luz, promovendo o conhecimento sobre o papel essencial da luz nas nossas vidas e celebrando-a como matéria de ciência e desenvolvimento tecnológico.

A luz, forma de energia que se propaga por ondas eletromagnéticas pulsantes, é uma presença constante e imprescindível à existência de vida.

O Sol é a principal fonte de luz. Até alcançarem o domínio do fogo, os primeiros grupos humanos dependiam totalmente da luz natural do sol para realizarem as suas atividades diárias. Controlando o fogo, estes grupos de caçadores-recoletores acederam à primeira luz artificial da História, constituindo-se como ferramenta essencial na sua evolução, enquanto seres hábeis e pensantes.

Nos dias de hoje, a iluminação faz parte do quotidiano. O gesto, quase automático, de ligar o interruptor elétrico para iluminar qualquer espaço é, no entanto, algo de muito recente.



Lucerna de época romana, recolhida em ambiente funerário, em Unhos. (2ª metade séc. I d.C. - 1ª metade século II d.C.)

Da simples fogueira, passou-se ao archote embebido em resina vegetal ou animal, evoluindo para a pequena lamparina em cerâmica, depois em metal, passando pela vela de cera de abelha, até chegar ao lampião a petróleo. Até ao século XIX, o fogo era utilizado como principal meio de iluminação, utilizando-se como combustível óleos vegetais e animais, só então sendo substituído por duas novas fontes de energia: o gás e a eletricidade.



Bico de candil, artefacto de iluminação utilizado na época islâmica, recolhido em Frielas. (reconstituição hipotética)

As grandes casas romanas organizavam-se em torno de um pátio interior, o peristilo, promovendo, assim, a iluminação e ventilação do interior doméstico; a iluminação das divisões mais internas seria conseguida com recurso a pequenas lucernas de azeite, pousadas no chão ou no topo de altos candelabros.

Nas casas medievais, a iluminação seria muito escassa: nas mais pobres, a luz existente seria proveniente, quase exclusivamente, das lareiras. Nas mais abastadas existiriam candeias, velas e archotes. A luz era, no entanto, presença indispensável nas igrejas, capelas e ofícios religiosos. Acreditava-se que a sua presença permitiria que as almas alcançassem o caminho da salvação eterna, afastando a presença do pecado e da morte.

Certamente que a percepção que se obtém das cores, dos ambientes, dos espaços, em função da luz disponível, foi evoluindo ao longo do tempo. Investigações recentes¹ mostram que os tons de cor das paredes e dos mosaicos, que revestiam as casas romanas, eram realçados quando vistos à luz das lucernas de azeite, suscitando «(...) uma sensação reconfortante, cálida, relaxante que contrastava fortemente com a atmosfera fria e as cores sem relevo vistas à luz de lâmpadas eléctricas. O estudo conduzido por cientistas portugueses mostra que a iluminação através das lucernas focava, preferencialmente, os frescos e mosaicos, enquanto que, (...) com luz eléctrica a dispersão do olhar era maior. Pensa-se, aliás, que a distribuição dos equipamentos de iluminação seria conscientemente planeada para salientar as decorações das salas.»

¹ Trabalho liderado por Alexandrino Gonçalves, do Departamento de Engenharia Informática do Instituto Politécnico de Leiria, in <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/cientistas-portugueses-mostram-interior-de-uma-antiga-casa-romana-a-luz-de-ha-2000-anos-1573242>